Baleia na Rede
Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura

INTERCULTURALIDADE NO CINEMA ALEMÃO CONTEMPORÂNEO

Elcio CORNELSEN[1]

Resumo: Nossa contribuição visa à apresentação de uma tendência presente no Cinema Alemão Contemporâneo, na qual a multiculturalidade e a diversidade étnica e cultural na Alemanha são enfocadas a partir de três posturas distintas: uma postura que tende à harmonização dos grupos étnicos e das culturas envolvidas, gerando o respeito mútuo às diversidades e levando à integração ao meio totalizante; uma segunda postura que se pauta pelo isolamento espaço-cultural de determinados grupos étnicos, minado pela violência e pela exclusão; e uma terceira postura que se orienta pela confrontação entre os grupos, culminando com atos de violência e discriminação mútua.

Palavras-Chave: Cinema Alemão Contemporâneo; Interculturalidade; Multiculturalidade; Diversidade Étnica; Fatih Akin.

Desde o início dos anos 1990, acompanhando o novo momento histórico da Alemanha reunificada, o Cinema Alemão Contemporâneo passou a responder, basicamente, a cinco tendências distintas. A primeira delas lida com o passado na antiga Alemanha Oriental de maneira nostálgica, contando com filmes como *Sonnenallee* (1999; "Alameda do Sol"), de Leander Haußmann, *Goodbye Lenin!* (2003; "Adeus, Lênin!"), de Wolfgang Becker, e *Kleinruppin forever* (2004; "Kleinruppin para sempre"), de Carsten Fiebeler. A segunda tendência, ao contrário do olhar nostálgico para o passado, orienta-se pela crítica incisiva à violência e repressão na RDA, apresentada nos filmes *Nikolaikirche* (1995; "Igreja de São Nicolau"), de Frank Beyer, *Der Tunnel* (2001; "O túnel"), de Roland Suso Richter, e *Das Leben der Anderen* (2006; "A vida dos outros"), de Florian Henkel von Donnersmarck, premiado com o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 2006. Já a terceira tendência enfoca o passado alemão durante o regime nazista, em que figuram filmes como *Stauffenberg* (2004; título brasileiro: "Operação Valkíria"), de Jo Baier, *Napola* (2004; título brasileiro: "Napola – Antes da queda"), de Dennis Gansel, *Der Untergang* (2005; "A Queda"), de

[1] Elcio Loureiro Cornelsen, Doutor em Literatura Moderna Alemã pela *Freie Universität Berlin*/Alemanha, com pós-doutorado na área de Estudos Organizacionais pela FGV – Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo; Professor Adjunto da Faculdade de Letras da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, atuando nas áreas de Língua e Literatura Alemã e Literatura e Outras Artes (Graduação), e Teoria da Literatura e Literatura Comparada (Pós-Graduação). Atualmente, desenvolve pesquisa em nível de pós-doutorado junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, sob supervisão do Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva. cornelsen@letras.ufmg.br

Oliver Hirschbiegel, *Sophie Scholl* (2005; título brasileiro: "Uma mulher contra Hitler"), de Marc Rothemund, e *Mein Führer* (2007; "Meu *Führer*"), de Dani Levy, uma polêmica comédia sobre Hitler. Por sua vez, a quarta tendência é associada à globalização econômica, tecnológica e cultural, cujos filmes não têm por enfoque o passado recente alemão, como nas duas primeiras tendências, mas sim o "aqui e agora" de questões de caráter, sobretudo, existencial das jovens gerações na chamada "República Berlinense" (*Berliner Republik*), como é o caso dos filmes *Lolla rennt* (1998; título brasileiro: "Corra, Lola, corra"), de Tom Tykwer, *Das Leben ist eine Baustelle* (2000; título brasileiro: "A vida é tudo o que temos"), de Wolfgang Becker, *Julietta. Es ist nicht wie Du denkst* (2001; "Julietta. Não é como você pensa"), de Christoph Stark, *Liegen lernen* (2003; título brasileiro: "Aprendendo a mentir"), de Hendrik Landloegten, e *Soloalbum* (2003; "Álbum Solo"), de Georg Schnitzler. Por fim, a quinta e última tendência, que pretendemos enfocar aqui mais detalhadamente, lida com a questão da interculturalidade a partir de um olhar para o caráter multicultural da sociedade, questão esta abordada em filmes como *Kurz und schmerzlos* (1998; "Rápido e indolor"), *Im Juli* (2000; "Em Julho"), e *Gegen die Wand* (2004; "Contra a parede"), de Fatih Akin, *Anam* (2001; "Anam"), de Buket Alakus, *Gate to Heaven* (2003; "Porta para o paraíso"), de Veit Helmer, e *Knallhart* (2006; "Duro de verdade"), de Detlev Buck.

Esta última tendência no Cinema Alemão Contemporâneo está intimamente associada ao modo como se estabelecem as relações interculturais na sociedade alemã, que podem ser, basicamente, de três ordens distintas: uma que tende à harmonização dos grupos étnicos e das culturas envolvidas, gerando o respeito mútuo às diversidades e levando à integração ao meio totalizante, na medida em que desconstrói os estereótipos negativos através do humor e da ironia; uma segunda que se pauta pelo isolamento espaço-cultural de determinados grupos, minado pela violência e pela exclusão; e uma terceira que se orienta pela confrontação entre os grupos, culminando com atos de violência e discriminação mútua.

A "interculturalidade" é um tema central de nosso tempo. A vida em conjunto de membros de diversas culturas num mesmo espaço reduzido caracteriza as sociedades modernas. O conceito de "interculturalidade" designa a relação de comunicação e interação entre duas ou mais culturas. Numa situação de interação cultural, a relação entre culturas pode ser de respeito mútuo (desconstrução de estereótipos; tolerância e

entendimento) ou de conflito (reforço de estereótipos; rejeição e discriminação). De acordo com Zilá Bernd, o embate cultural se estrutura, basicamente, por uma "aporia fundamental": "afirmar-se e excluir o outro (ou seja, a afirmação das identidades passa pela negação das alteridades), ou desistir de se nomear e desaparecer" (BERND 2002: 36).

No Cinema Alemão Contemporâneo, podemos encontrar temas que giram em torno do conceito de "interculturalidade", apresentados nas mais diversas nuances. Se considerarmos a longa lista de cineastas turcos-alemães, que conta com aproximadamente trinta nomes – entre outros, Fatih Akin, Buket Alakus, Neco Celic, e Ayşe Polat – , constatamos que não se trata de um fato esporádico, mas sim de uma tendência de fato, como produção fílmica oriunda de um grupo étnico que já conta com gerações na Alemanha. Trata-se, portanto, da produção cultural desse grupo em resposta a questões de ordem intercultural, que, aliás, não se reflete apenas no âmbito cinematográfico, mas também na Literatura (Emine Zevgi Özdamar, Feridun Zaimoglu, Selim Özdoğan) e na Música (Muhabbet). Na sua maioria, trata-se de filhos e netos de imigrantes que chegaram à Alemanha nas décadas de 1960 e 1970 do século passado, como *Gastarbeiter* ("trabalhadores convidados"), que nasceram e cresceram na Alemanha, e que conhecem a cultura e dominam o idioma.

Como constataremos a seguir, os filmes dos cineastas Fatih Akin, Buket Alakus, Vait Helmer, e Detlev Buck propõem aquilo o que Homi Bhabha define como "contra-narrativas da nação que continuamente evocam e rasuram suas fronteiras totalizadoras — tanto reais quanto conceituais — perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais 'comunidades imaginadas' recebem identidades essencialistas" (BHABHA 1998: 211). E, como bem observou Stuart Hall, o processo identitário não é essencialista, mas sim dinâmico, pois, "paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar" (HALL 2003: 44). Desse modo, a identidade em construção se estabelece por um jogo de forças marcado tanto pelas origens e tradições partilhadas pelo indivíduo dentro de um determinado grupo, quanto pelo contato desse indivíduo com o outro:

> (...) A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume

> identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL 2005: 12-13).

Além disso, os filmes dos cineastas Fatih Akin, Buket Alakus, Veit Helmer, e Detlev Buck possibilitam-nos pensar o processo de negociações culturais – harmoniosas ou conflitantes – em relação tanto à cultura pretensamente totalizante e hegemônica quanto às culturas minoritárias. Nesse sentido, orientamo-nos, aqui, pelo procedimento designado por Homi Bhabha de "DissemiNação": "um exercício teórico nas contradições internas da nação liberal moderna" (BHABHA 1998: 210).

Sem dúvida, o principal nome da tendência multicultural e étnica no âmbito cinematográfico da atualidade é o jovem cineasta, roteirista, ator e produtor alemão Fatih Akin, nascido em 1973 em Hamburgo, e filho de imigrantes turcos. Os filmes *Kurz und schmerzlos* (1998; "Rápido e indolor") *Im Juli* (2000; "Em Julho"), e *Gegen die Wand* (2004; "Contra a parede") renderam-lhe reconhecimento no cenário internacional, principalmente por este último, premiado com o Urso de Ouro no Festival Internacional de Cinema de Berlim, além do Prêmio Alemão de Cinema, e do Prêmio Europeu de Cinema, em 2004.

O primeiro longa-metragem de Fatih Akin, *Kurz und schmerzlos*, apresenta um olhar delimitado do espaço cultural multi-étnico, minado pela violência no submundo do crime. Em Altona, distrito periférico de Hamburgo onde o cineasta nasceu e cresceu, três jovens amigos se reencontram, o sérvio Bobby, o grego Costa, e o turco Gabriel, após este último deixar a prisão em liberdade condicional. Dos três, Gabriel é aquele que tenta levar uma nova vida longe do crime, enquanto os outros dois cometem alguns delitos, sendo que Bobby sonha em se tornar um grande *gangster*. Bobby e Costa se envolvem com o albanês Muhamer, que comanda um bordel e controla o contrabando de drogas e de armas no bairro. Numa missão fracassada, em represália, Bobby é assassinado por Muhamer. Costa tenta vingar a morte do amigo, mas também acaba morto. Por fim, Gabriel, que trabalhava como motorista de táxi e queria levar uma outra

vida, assassina Muhamer, vingando a morte dos dois amigos, e não vê outra saída senão fugir para a Turquia. Embora *Kurz und schmerzlos* apresente um quadro multicultural envolto de crimes e violência, podemos interpretá-lo também pelas ausências do Estado em programas de socialização para os jovens e da troca intercultural com o todo da sociedade. A Altona ficcional de Fatih Akin, assim, mais parece um gueto encerrado em si mesmo, minado pela violência e pela falta de perspectiva, do qual não se tem saída harmoniosa.

Já o filme *Im Juli* (2000; "Em Julho"), uma adaptação fílmica do romance de Selim Özdoğan (*Im Juli*; 2000), apresenta uma outra faceta menos violenta e rompe com essa visão espacial do gueto. Trata-se de um *Roadmovie*, que lembra *Paris, Texas* (1984), de Wim Wenders, um dos cineastas que influenciaram Fatih Akin. O protagonista Daniel Bannier é um jovem e ingênuo professor de física num colégio, que se apaixona por uma linda moça chamada Melek ("anjo"), de passagem por Hamburgo, e decide segui-la até Istambul, na Turquia. Em uma louca odisséia pelo Sudeste da Europa, passando pela Hungria e pela Romênia, ele descobre muito sobre si mesmo. Na verdade, ele acredita ter encontrado em Melek seu verdadeiro amor, porque Juli, uma jovem que vendia bijuterias na rua e era apaixonada por Daniel, lhe vendera um anel com o símbolo de um sol, dizendo que ele encontraria a sua amada com o auxílio do anel. Num encontro casual na rua, Daniel vê que Melek usa uma camiseta com um sol estampado. Mas, ao final do filme, às margens do Bósforo, em Istambul, Juli se revela como a verdadeira amada. Diferindo do primeiro filme, *Im Juli* rompe com os limites espaciais e étnicos. Embora possamos notar diferenças comportamentais fundadas em aspectos culturais entre as personagens, várias delas construídas a partir de clichês, não há um embate propriamente dito, mas uma normalização de suas relações.

Por sua vez, o filme mais famoso de Fatih Akin, *Gegen die Wand* (2004; "Contra a parede"), segue numa outra direção. Desta vez, trata-se de uma visão intra-comunitária em relação ao espaço étnico minoritário da população turca em Hamburgo, e também de suas vivências na Turquia. Cahit Tomruk, de quarenta anos, turco que cresceu em Hamburgo, tenta suicidar-se dirigindo seu carro em alta velocidade contra uma parede de concreto. O acidente acaba se tornando uma espécie de "divisor de águas" em sua vida. Na clínica de recuperação, Cahit conhece Sibel, uma bela jovem muçulmana de 20 anos, que também tentara suicídio cortando os pulsos, pois não agüentava mais viver sob o jugo de sua família conservadora. Após a tentativa de

suicídio fracassada, Sibel tenta convencer Cahit de forjarem um casamento, só nas aparências, para que ela não precise mais morar com o pai, Yunus, a mãe, Birsen, e seu irmão, Yilmaz, para os quais a honra da família é mais importante do que tudo. Relutante no início, Cahit acaba aceitando a proposta de Sibel. Após o casamento, eles moram juntos, mas ambos seguem caminhos independentes. Sibel desfruta totalmente de sua liberdade, o que no começo parece não afetar Cahit, mas este se apaixona por ela e, num acesso de ciúmes, agride mortalmente Nico, um de seus amantes. Cahit é preso e condenado a vários anos de prisão. Quando a família Güner toma conhecimento, através dos jornais, do assassinato de Nico e da suposta infidelidade de Sibel, Yunus declara que a partir daquele momento não tinha mais filha. Temendo a vingança de seu irmão Yilmaz, Sibel foge para Istambul. Lá, ela leva uma vida desregrada e consome ópio. Certa noite, perambulando pelas ruas da cidade, desesperada, ela provoca e ofende insistentemente três homens, até que é espancada e esfaqueada por um deles. Após algum tempo, ela é socorrida por um motorista de táxi, com quem, mais tarde, constrói uma nova vida e tem uma filha. Quando Cahit sai da prisão, ele vai para Istambul à procura de Sibel, ainda acreditando que eles poderiam ter um futuro em comum. Após algumas idas e vindas, eles se encontram finalmente no hotel em que Cahit estava hospedado, passam a noite juntos, e Sibel promete fugir com ele para Mersin. Porém, ela hesita e não o encontra no horário marcado, na rodoviária. Triste e decepcionado, Cahit embarca sozinho no ônibus que segue para Mersin, sua cidade-natal.

Portanto, nos filmes *Kurz und schmerzlos* e *Gegen die Wand*, são apresentados dois quadros da sociedade multicultural que, aos olhos de Fatih Akin, não culminam com uma harmonização, mas sim com a exacerbação do conflito e da violência. Pela ausência do ambiente totalizante se expressa também a problemática em torno da dificuldade de integração de estrangeiros e de alemães turco-descendentes à sociedade alemã. Fatih Akin direciona sua crítica não só à sociedade como um todo, mas também ao próprio caráter conservador de segmentos da comunidade turca que acaba gerando conflito de gerações e a perda da tradição.

Outro exemplo de abordagem intercultural relacionada com o caráter multicultural da sociedade na Alemanha atual é o filme *Anam* (2001), primeiro longa-metragem da jovem cineasta e escritora Buket Alakus, nascida em Istambul, que lhe rendeu vários prêmios, e que a projetou no cenário cinematográfico alemão. Ao tentar afastar seu filho Deniz das drogas, Anam, uma mulher turca muçulmana por volta dos

40 anos, liberta-se das convenções de sua cultura e religião, encontrando-se a si mesma. Anam mora em Hamburgo, é casada, trabalha como faxineira, e é mãe de dois adolescentes problemáticos, Deniz e Lela. Ela concentra toda a sua força e energia no trabalho e no lar, no intuito de garantir um futuro melhor para os filhos. Libertar-se da tradição é, ao mesmo tempo, uma libertação do jugo do marido Mehmet, que a proíbe de realizar seus mais ínfimos desejos. Certo dia, o mundo de Anam desaba, quando ela toma conhecimento de que Mehmet tinha um caso com uma de suas colegas. Após uma discussão violenta ela o deixa. De repente, Anam se vê só, e a notícia de que seu filho Deniz fora levado para o hospital em virtude de uma intoxicação por drogas torna-se um duplo choque. É justamente nessa situação de desespero que Anam começa a lutar. Auxiliada por duas colegas de trabalho, a alemã Rita e a africana Didi, Anam procura encontrar o filho Deniz, que fugiu do hospital. Quando ela, por fim, o encontra, ela promete a Deniz cuidar dele e de Mandy, sua namorada que também é viciada em drogas. Mas o filho desaparece mais uma vez com seu amigo Hassan, um traficante. De fato, Anam cuida da garota. Suas tentativas de libertar Mandy do vício das drogas a confrontam com uma realidade que até então não conhecia. Ela assume uma atitude consciente e decidida. Desenvolve-se até mesmo um laço afetivo entre ela e Bernd, um policial que procura auxiliá-la na busca pelo filho. Por fim, quando Anam encontra Deniz com Hassan, ele rejeita a ajuda da mãe. Contra a vontade do filho Anam se envolve com Hassan numa luta de vida e morte. Portanto, a trajetória de Anam é marcada por percalços e violência, que faz lembrar alguns dos filmes de Fatih Akin. Podemos identificar também a mesma temática do questionamento dos valores intra-comunitários e da fraca interação com o meio totalizante.

Um outro quadro caricatural e mais ameno do caráter multicultural no contexto alemão é apresentado no filme *Gate to Heaven* (2003; "Porta para o paraíso"), do cineasta Veit Helmer. O fato do idioma desse filme ser o Inglês já lhe empresta um outro caráter dentro da temática multicultural no Cinema Alemão Contemporâneo. Milhões de pessoas passam pelo Aeroporto de Frankfurt no seu caminho para outras cidades. Para o russo Alexej, entretanto, o aeroporto é uma cidade com vida própria. É a materialização espacial de um verdadeiro "entre-lugar" cultural. O discurso da minoria, seria, pois, aquele enunciado nesse "entre-lugar" e, portanto, questionador do discurso pedagógico da nação, conforme aponta Homi Bhabha:

> O discurso da minoria situa o ato de emergência no "entre-lugar" antagonístico entre a imagem e o signo, o cumulativo e o adjunto, a presença e a substituição ["proxy"]. Ele contesta genealogias de "origem" que levam a reivindicações de supremacia cultural e prioridade histórica. O discurso de minoria reconhece o status da cultura nacional — e o povo — como o espaço contencioso, performativo, da perplexidade dos vivos em meio às representações pedagógicas da plenitude da vida. [...] (BHABHA 1998: 221-222).

Com a ajuda de Dak, um funcionário do Aeroporto de Frankfurt, Alexej foge da área de confinamento de refugiados. Dak explora o russo, que sonha um dia se tornar piloto. Alexej vive num labirinto subterrâneo, com os demais refugiados explorados por Dak, só saindo dali para o trabalho, e sem poder deixar a área do aeroporto. Por sua vez, a jovem indiana Nisha, que trabalha na limpeza do aeroporto, sonha em ser aeromoça, mas tem de se defrontar com a realidade, ao tentar comprar a entrada clandestina de seu filho, o pequeno Asis, com a ajuda de Dak. Alexej se apaixona por Nisha e faz de tudo para ajudá-la no plano de trazer Asis da Índia. Na chegada do garoto, o plano falha, pois Asis é confundido com outro garoto que estava no vôo e fica detido para deportação. Mas ele, ao observar a atitude dos adultos, pronuncia a palavra "asilo" (*Asyl*) e não pode ser deportado imediatamente. Por fim, Alexej consegue retirar Asis da clínica do setor de deportação, decola num pequeno avião construído por um dos refugiados e voa para fora da área do aeroporto. O avião logo cai, mas Alexej e Asis se salvam. Finalmente, mãe e filho se reencontram e podem entrar no "paraíso". Nesse filme, não se trata da interculturalidade no espaço da sociedade multicultural, mas sim de uma paródia do sonho da "Terra Prometida", à qual estrangeiros de todas as partes do mundo fazem de tudo para nela ingressar, mas são expostos também a explorações e situações humilhantes.

Além dos filmes anteriormente abordados, encontramos no Cinema Alemão Contemporâneo também um filme extremamente polêmico que apresenta, justamente, o oposto da harmonização da multiculturalidade e do respeito mútuo à diversidade étnico-cultural. *Knallhart* (2006; "Duro de verdade"), do ator e cineasta alemão Detlev Buck, baseia-se no romance homônimo (*Knallhart*; 2004) de Gregor Tessnow, e está muito colado à realidade do dia-a-dia em Berlim, mais especificamente em Neukölln, bairro de classe média baixa que possui uma numerosa população de cidadãos turcos e alemães turco-descendentes, além de imigrantes das mais diversas nacionalidades. Michael Polischka, um adolescente de 15 anos, muda-se, juntamente com sua mãe, Miriam, para o bairro, vindos de Zehlendorf, um dos bairros nobres de Berlim. O motivo da mudança

foi o fato de que o amante de sua mãe, Dr. Peters, não sentia mais atração por ela e a mandou embora. Além da diversidade cultural, o bairro é marcado por um alto índice de criminalidade, se comparado com outros distritos da capital alemã. A trajetória do protagonista no novo espaço multi-étnico estranho e ameaçador é marcada pela inquietude diante do outro e nos faz lembrar das palavras de Julia Kristeva: "Inquietar-se ou sorrir, esta é a escolha quando o estranho nos assalta; ela depende de nossa familiaridade com os nossos próprios fantasmas" (KRISTEVA 1994: 200).

As dificuldades de integração no novo bairro começam já na escola, quando Michael se torna vítima de uma gangue de turcos-alemães, chefiada por Erol. Logo no primeiro dia de aula, Michael é espancado e intimidado a dar dinheiro regularmente para não ser mais molestado pela gangue. Michael acaba se envolvendo com Hamal, um traficante de drogas, que lhe oferece proteção, caso o adolescente trabalhe para ele. Assim, o bairro se transforma em delimitação espacial para a abordagem de uma série de temas atuais, como drogas, criminalidade, delinqüência juvenil, falta de perspectiva, negligência do Estado etc. Portanto, o filme apresenta de maneira autêntica e, ao mesmo tempo, drástica o ambiente social do bairro de Neukölln e a luta diária por sobrevivência de seus habitantes, mas também a frágil relação de outras estruturas consideradas "normais". A rede de relações conflitantes de grupos de origens sociais e étnicas diversas é o tema principal do filme, embora a questão criminal aponte para uma estrutura que estaria acima das próprias diversidades. Pelo excesso de violência em algumas cenas, tal representação das condições de vida num bairro socialmente desfavorecido gerou acaloradas discussões no cenário político e na imprensa alemã.

Finalizando, dentro do que alguns críticos chamam de *Nouvelle Vague Alemande* surgida a partir dos anos 1990, o viés intercultural tem se tornado uma de suas tendências mais significativas. Os filmes de Veit Helmer e Detlev Buck, seja pela caricatura multicultural ou pela brutalidade extrema, apresentam o convívio de várias nacionalidades e a dificuldade de diálogo entre as culturas. No caso específico de cineastas turcos-alemães, como Fatih Akin e Buket Alakus, seus filmes não se pautam por um olhar exótico de fora para dentro, mas sim um olhar do outro de dentro para fora, cujos protagonistas, muitas vezes, se apresentam como *outsiders*, que não ocupam lugar central na sociedade, mas sim à margem. Esse "estar à margem" pode até mesmo encontrar seu correspondente topográfico, como é o caso de Altona nos filmes de Fatih Akin. Porém, o espaço pode ser deslocado para Istambul, formando, assim, pólos

espaciais da relação intercultural, nem sempre harmoniosa. Aliás, é importante chamarmos a atenção para a própria hifenização do termo "turco-alemão", marcando um "entre-lugar" cultural que, muitas vezes, reflete, por um lado, a impossibilidade de assimilação plena de uma cultura pela outra, e acena, por outro lado, com a possibilidade de simbiose cultural. Uma frase do ator Birol Ünel, protagonista e co-roteirista de *Gegen die Wand*, define bem essa questão, quando indagado se seria turco ou alemão: "Minha pátria é a sujeira nas solas dos meus sapatos". ("Meine Heimat ist der Dreck unter meinen Schuhen").

Abstract: Our contribution aims for the presentation of a tendency in the Contemporary German Cinema, in which the multiculturality and the cultural and ethnic diversity in Germany are focused from three different point of views: a first one that tends to the harmonisation of the ethnic groups and of the involved cultures, producing the mutual respect to the diversities and leading to the integration to the totalizing environment; a second one that rules for the space-cultural isolation of determined ethnic groups, mined by the violence and exclusion; and a third one that follows the confrontation between the groups, culminating in acts of violence and mutual discrim ination.

Keywords: Contemporary German Cinema; Interculturality; Multiculturality; Ethnic Diversity; Fatih Akin.

Bibliografia

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BERND, Zilá. Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária. In: SCARPELLI, Marli Fantini; Duarte, Eduardo de Assis (Orgs.). Poéticas da Diversidade. Belo Horizonte: UFMG/FALE-Póslit, 2002, p. 36-46.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: Reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 25-50.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. 10ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Filmografia

AKIN, Fatih. *Kurz und schmerzlos* (1998), Alemanha, cor, 100 min.

AKIN, Fatih. *Im Juli* (2000), Alemanha, cor, 99 min.

AKIN, Fatih. *Gegen die Wand* (2004), Alemanha, cor, 123 min.

ALAKUS, Buket. *Anam* (2001), Alemanha, cor, 86 min.

BUCK, Detlev. *Knallhart* (2006), Alemanha, cor, 118 min.

HELMER, Veit. *Gate to Heaven* (2003), Alemanha, cor, 90 min.

Artigo recebido para avaliação em 25/07/2009
Aprovado para publicação em 11/11/09